



A necessidade do observador e do ponto de vista na compreensão da paisagem urbana

The need of the observer and the point of view in the understanding of the urban landscape.

La necesidad de observador y punto de vista en la comprensión del paisaje urbano.

Dionisio Vitorino Barbosa Junior

Mestrando, UNESP-PPGARQ, Brasil
diobarbosaarquiteto@gmail.com

Claudio Silveira Amaral

Professor Doutor, UNESP-PPGARQ, Brasil.
cs.amaral@faac.unesp.br

Pamela Messias

Mestranda, UNESP-PPGARQ, Brasil.
pamela.arquitetura@hotmail.com

RESUMO

Qual a melhor forma de compreender a paisagem? Mesmo dentre diversas áreas de conhecimento, ou mesmo na arquitetura como foco de observação das cidades, a paisagem pode ser considerada como um tema clássico de abordagem subjetiva, individual e sociocultural. Objetos passíveis de estudo para determinar seu conceito, observador e ponto de vista são, de fato, agentes ativos e pertinentes para o conhecimento e aprendizado da paisagem, principalmente em consideração à sua importância em *planos e projetos urbanísticos*, assim como em estudos de *espaços livres de uso público*.

Palavras-chave: paisagem, arquitetura, observador, ponto de vista, aprendizado.

ABSTRACT

What is the best way of understanding landscape? Even among several knowledge areas, or even in architecture as a cities' observation focus, the landscape can be considered as a classical theme of subjective, individual and sociocultural approach. Possible objects to determine its concept, observer and point of view are, in fact, active and relevant agents to the knowledge and learning of the landscape, especially considering its importance in *urban plans and projects*, as well as in the studies of the *free use of public spaces*.

Keywords: landscape, architecture, observer, point of view, learning.

RESUMIDA

¿Cuál es la mejor manera de entender el paisaje? Incluso entre diversas áreas del conocimiento, o incluso la arquitectura centrada en la observación de las ciudades, el paisaje puede ser considerado como un tema clásico del enfoque subjetivo, individual y sociocultural. Objetos motivo de estudio para determinar su concepto, observador y el punto de vista son, de hecho, los agentes activos y relevantes para el conocimiento y el paisaje de aprendizaje, sobre todo en la consideración de su importancia en los *planes y proyectos urbanos*, así como estudios de los *espacios abiertos de uso público*.

Palabras clave: paisaje, la arquitectura, la perspectiva del observador, de aprendizaje.

INTRODUÇÃO

A paisagem não é um simples conceito proposto a um permanente recorte espacial. A compreensão da paisagem é um fenômeno que integra o homem com o meio, pois sendo parte do espaço e não o todo, ela se apresenta em um contexto mais abrangente e impreciso dentro de sua condição de existência. Isso devido aos seus aspectos de percepção estarem primeiramente ligados à sua evolução histórica e ao método de observação, antes mesmo da elaboração individual de seu conceito.

A noção do termo paisagem surge como definição de imagens pintadas por artistas. A representação da paisagem com a pintura se deu até o século XVIII e foi apenas a partir de sua apresentação na arte que surgiu um *sensu comum* de construção para se definir um termo que fosse relativo à percepção. Entretanto, com a ciência moderna e o conhecimento científico, o conceito de paisagem pôde ser metodologicamente iniciado nos estudos coerentes ao conhecimento do espaço. Sendo assim, a paisagem sofre uma ruptura epistemológica com a ciência moderna, o que torna possível, ser também ciência, a subjetividade individual na interação homem-espaço.

Portanto, é notável perceber a importância da presença humana na paisagem para se definir um conceito, a aceitação do homem como agente transformador e elemento ativo nos coloca frente ao entendimento de que a paisagem não está limitada a elementos físicos. A percepção singular do sujeito permite uma exploração capaz de avaliar e descrever a paisagem em face de quem olha, pois ao considerarmos que a paisagem não é objeto autônomo de si, revela-se a condição de experiência inseparável entre sujeito-objeto. Todavia, o envolvimento do homem com o espaço não torna o objeto-paisagem simplesmente constituído pelo sujeito, mas sim, e de fato, permite o conhecimento da paisagem na própria condição de existência do homem, onde o *Observador* se encontra envolvido pela cidade e a paisagem é definida a partir de seu *Ponto de Vista* (COLLOT, 1990, p. 22).

OBJETIVO

O presente trabalho tem por objetivo avaliar a relevância das relações entre Observador e Ponto de vista na Paisagem Urbana, e, será apresentado por meio destes três argumentos:

- O conceito (compreensão-identificação/extensão-abrangência) de paisagem, depende da determinação (característica que marca com precisão) no Observador;
- A observação da paisagem depende da singularidade (fragmento relativo ao espaço) no Ponto de Vista;
- (GERAL) Observador e Ponto de Vista são necessidades na reflexividade radical (conhecimento do objeto) da paisagem;

MÉTODO DE ANÁLISE

A apresentação deste artigo envolve quatro Etapas para compor a investigação, análise e reflexão que possibilitem a síntese dialética:

- Abordagem teórica compondo a investigação no tocante ao conhecimento da paisagem, principalmente nos conceitos do sujeito que observa e seu ponto de vista.
- Análise do conteúdo teórico do conceito de observação da paisagem em comparação com a singularidade do ponto de vista do observador.
- Reflexão da concepção teórico-prática na observação da paisagem.
- Síntese dialética dos aspectos contraditórios, entre a noção paisagem e a determinação do sujeito observador, na singularidade de seu ponto de vista, para a compreensão da Paisagem.

RESULTADOS

Paisagem é processo, são formas em conjunto, diferentes elementos do meio relacionados a diferentes pausas no tempo. Paisagem é um recorte espacial de relações sucessivas entre o homem e o meio e o seu conceito vai além do que se vê. Sendo assim, é possível uma diferenciação entre espaço e paisagem dentro desta perspectiva temporal, onde a percepção do espaço inicialmente se constitui numa construção horizontal e sucessiva, sempre no presente. Por outro lado, a percepção de objetos-ações transfigura a constituição do espaço para o recorte ao direcionarmos nosso *olhar-análise*. Deste modo, passamos a conceber o espaço sob uma determinada dinâmica de coexistência atemporal, socioeconômica, cultural e ambiental, dependente do homem para ser concebida. Portanto, nessa dimensão temporal, percebemos que a paisagem é um conceito transversal na horizontalidade espacial urbana (SUERTEGARAY, 2001, p. 5).

A paisagem urbana é um diálogo entre o sítio urbano e o natural como representação das formas da cidade, espaços abertos, edificações e a representação do sujeito. A relação observado/observador na paisagem urbana resulta de um processo cognitivo mediado por valores simbólicos representativos no imaginário social dentro do contexto histórico das cidades. Essa imagem sociocultural formada pelo homem, sempre será evidenciada como produto de um local específico, determinada por um período e principalmente como resultado de sua avaliação subjetiva, demonstrando a complexidade da discussão assim como evidencia a apropriação do espaço urbano pela sociedade (CASTRO, 2002; BOULLON, 2002; MENESES, 2002; CASTROGIOVANNI, 2001; SOUZA 2005; ACHER 2010).

Para estruturação do conceito de paisagem na avaliação dos espaços urbanos ressaltamos a simplicidade e objetividade nas propostas de Gordon Cullen. Este conceito, elaborado em 1960, provocou impactos de ordem emocional e científica principalmente em Arquitetos e Urbanistas, exatamente pela possibilidade de análises sequenciais e dinâmicas, relacionadas

com a “visão”, o “local” e o “conteúdo”, demonstrando a paisagem como um elemento organizador de premissas interativas entre percepção humana, teoria da Arquitetura e Urbanismo e espaços urbanos construídos (CULLEN, 1983).

Para tanto, ao objetivarmos a análise conceitual do sistema proposto por Cullen, encontramos uma ferramenta versátil de observação para despertar a percepção e a consciência da paisagem, onde podemos considerar, dentre as inúmeras qualidades deste sistema:

- a) a articulação na observação tanto de princípios organizadores de ordem geral, quanto de princípios particulares de ordenação;
- b) a rapidez de processamento na percepção da paisagem, pela facilidade de interação entre sujeito e objeto, interação essa que se torna atraente porque envolve os sentimentos e as emoções com que o sujeito deflagra a paisagem e isso desperta o espírito de flâneur, por meio do qual o indivíduo percorre a cidade com caminhar e olhar poéticos de renovados matizes;
- c) como suporte faculta elaborar em uma linguagem síntese vários elementos, dados e referenciais históricos, socioculturais e espaciais das cidades por meio de notas, fotos, documentos, croquis, imagens, desenhos e conteúdos teóricos. (ADAM, 2008, p. 66).

Deste modo, cabe salientar que para Cullen o sujeito é tratado como um observador passivo da Paisagem Urbana, ou seja, temos um agente transformador de sua consciência, mas que não interfere nas realidades externas urbanas. Neste caso, Cullen nos apresenta o conceito de um observador que não se coloca como parte da paisagem, pois esse sujeito é um construtor da paisagem interna de sua consciência, e, é exatamente esta paisagem mental, que segundo Cullen, pode ser capaz de transformar a realidade externa diante de certos padrões perceptivos e restritos (ADAM, 2008).

Esta distância, entre *paisagens mentais* e *paisagens urbanas*, esta ligada diretamente à carência de estudos no panorama atual de urgências urbanas ambientais, esta restrição no método utilizado por Cullen nos demonstra a necessidade conceitual da paisagem urbana em envolver o meio ambiente e o ser humano em um painel mais amplo na totalidade e multidimensionalidade de informações ecológicas, humanas, sociais, perceptivas, culturais, antropológicas, econômicas, etc., pois estas restrições limitantes são as principais responsáveis pela degradação ambiental da paisagem no espaço urbano (ADAM, 2008; LEFF, 2001; FRANCO, 2001).

Mas o *Observador* é isto, uma construção constante integralizada com a ação, constituída de uma apreciação significativa e estimulante, principalmente em exaltação à estética emotiva e afetiva, pois ao enxergar, como um sujeito integral, se auto sugere a cada ponto de vista uma nova paisagem diante o espaço urbano e os fragmentos da cidade.

É certo que dois observadores nunca irão se envolver ou avaliar, e, construir uma visão igual da mesma paisagem. As áreas de conhecimento, os fatores particulares entre homem e meio ambiente, e, principalmente, o objetivo ao olhar, impregnam uma realidade diferente, pois

mesmo diante dos mesmos elementos de análise, cada observador carrega sua singularidade no processo de reflexão e composição da Paisagem.

Essa consciência da diferenciação de um observador para outro tem por finalidade determinar em qual momento nos torna evidente a construção da paisagem, ou ainda, entender... Como evidenciar e caracterizar uma paisagem diante as inúmeras possibilidades de *observador* e *espaço urbano*?

Este é o *Ponto de Vista*. Para se obter a perspectiva é preciso primeiro se distanciar para depois se envolver; este distanciamento em busca de paisagens designa expectativas e anseios passíveis de serem captados, capturados, sistematizados e colocados em evidência, quando se indica uma certa direção (GADOTTI, 2000).

A paisagem é examinada partindo-se do alinhamento visual. Esta é sua primeira instância, ordenada pela posição do observador e extensão do seu campo visível, ou seja, essa circunscrição da paisagem delimita uma porção do espaço em sua totalidade, e, que somente se altera à custa de um deslocamento do campo visual perceptivo, o ponto de vista (COLLOT, 1990).

A cidade é um constante *estranhamento* e *desencontro*, que se efetiva em fragmentos de paisagens transformadas na experiência de um espaço radical, frente ao tempo vivenciado na velocidade do efêmero e do tempo na vida de um indivíduo.

A vida cotidiana (*tempo de vida*) e o *tempo da cidade* produzem a contradição do processo de reprodução espacial, ocasionando o esvaziamento dos espaços apropriados. Numa cidade onde tudo muda e se transforma, modificam-se também os referenciais dos habitantes, a velocidade perceptiva do sujeito se altera e se produz a sensação do desconhecido e não do identificado (COLLOT, 1990; CARLOS, 2001).

É exatamente por isso que a paisagem não é uma simples relação de exterioridade com o sujeito. A inseparabilidade entre sujeito e objeto é uma experiência necessária. A *paisagem*, portanto, é o espaço considerado a partir do sujeito *como ponto ou grau zero* (ponto de vista), capaz de poder *ver o espaço de dentro* e ser assim por ele englobado (observador). Sendo assim, será possível uma retomada de interesse pela paisagem como forma de contrapor os espaços inabitáveis dos habitantes da cidade, além de formar indivíduos como sujeitos que se convergem na paisagem e se redefinem ativamente introduzidos como *ser-no-mundo* (COLLOT, 1990; MERLEAU-PONTY, 2004).

CONCLUSÃO

A compreensão da paisagem, assim como a sua identificação, é uma dinâmica de maior abrangência, pois a paisagem não se limita em si mesma, mas é determinada pela construção visual do observador e singularidade no seu ponto de vista.

De fato, avaliar a relevância das relações entre observador e *ponto de vista*, demonstra a necessidade imprescindível do sujeito-homem para se compreender o conceito objeto-

paisagem, além de servir de auxílio em estudos, planos e projetos, que priorizem o aprendizado e conhecimento destas relações.

Por fim... A paisagem urbana é fruto da apreciação significativa e estimulante do homem com os fragmentos da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Roberto Sabatela. **Analisando o conceito de paisagem urbana de Gordon Cullen**. Da Vinci, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 61-68, 2008.

ASCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. Trad. Nadia Somekh. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Trad. Josely Vianna Batista. Bauru: EDUSC, 2002.

CASTRO, Iná Elias de. Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política. In: YAZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Turismo e ordenação no espaço urbano**. São Paulo: Contexto, 2001.

COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre as percepções da paisagem. **Boletim da Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 20 (39), p. 21-32, 1990.

CULLEN, G. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação - São Paulo em perspectiva**, v. 14, 2000

FRANCO, M. A. **Planejamento ambiental para a cidade sustentável**. São Paulo: Fapesp, 2001.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MENEZES, Claudino L. **Desenvolvimento urbano e meio ambiente: a experiência de Curitiba**. Campinas: Papirus, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SOUZA, Marcelo L. de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

SUERTEGARY, Dirce Maria Antunes. **Espaço Geográfico Uno e Múltiplo**. **Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. nº 93. Barcelona – Espanha: Universidade de Barcelona, 2001.